

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA**

**ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO: DESAFIOS E EXPECTATIVAS**  
**Um estudo sobre relações entre educação e trabalho**

**Luiz Peter Ribeiro Goulart**

**Porto Alegre**  
**2013**

**Luiz Peter Ribeiro Goulart**

**ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NOTURNO: DESAFIOS E EXPECTATIVAS**  
**Um estudo sobre relações entre educação e trabalho**

Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

**Orientadora:** Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Melissa de Mattos Pimenta

**Porto Alegre**

**2013**

## **Agradecimentos**

**Aos meus pais: Silvério Goulart (*in memoriam*) e Edite Ribeiro Goulart, que em minha infância, adolescência e juventude me doaram muito mais do que receberam nas suas, sendo meus melhores amigos na vida adulta.**

**À minha companheira, Maria de Lourdes Becker, pelos muitos momentos difíceis, e também pelos de alegria, que passamos juntos ao longo de vinte e um anos.**

**À minha orientadora, Professora Doutora Melissa de Mattos Pimenta, pelo acompanhamento rigoroso e com exigências claras durante o processo de elaboração desse trabalho.**

**Aos Professores Doutores: Alexandre Silva Virgínio e Daniel Gustavo Mocelin, que gentilmente aceitaram o convite para participação da banca examinadora do meu trabalho.**

Eu acredito é na rapaziada  
Que segue em frente e segura o rojão  
Eu ponho fé na fé da moçada  
Que não foge da fera e enfrenta o leão  
Eu vou à luta com essa juventude  
Que não corre da raia a troco de nada  
Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade  
E constrói a manhã desejada...

Gonzaguinha, *E vamos à luta*

## RESUMO

Nesse trabalho de conclusão de curso, são analisadas as relações entre educação e trabalho no ensino médio. Através da elaboração de um estudo sobre frequência à escola no turno da noite, foi desenvolvida uma abordagem com o objetivo de discutir a dificuldade de conciliação de atividades escolares com jornadas de trabalho por parte dos estudantes desse nível, que tem de conciliar o exercício de atividades remuneradas com educação escolar. Órgãos oficiais têm divulgado estatísticas que mostram aceleração no aumento da escolaridade dos jovens brasileiros. Esse incremento nos níveis de escolaridade tem sido atribuído nas análises oficiais ou nas reportagens publicadas na imprensa sobre o assunto às exigências de maior escolaridade por parte do mercado de trabalho. Porém, é fato notório e há muito discutido que as oportunidades de educação, assim como as de crescimento profissional, não são distribuídas de forma igual na sociedade brasileira. A necessidade de engajamento precoce de jovens das camadas populares em atividades laborais, com prejuízo para a continuidade de sua frequência à escola, criando círculos viciosos na distribuição de oportunidades profissionais conforme a renda das famílias, é um problema há muito debatido. Através do presente estudo, procuramos identificar se essa situação persiste, à medida que têm sido divulgados índices de crescimento da escolaridade do segmento jovem da população brasileira. Sendo assim, a expansão da certificação escolar em boa parte estaria ligada à difusão de relações precárias, tanto de educação quanto de trabalho.

**Palavras-chave:** educação, trabalho, atividades escolares, jornada de trabalho, precarização das relações de trabalho, precarização da educação.

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Jovens brasileiros: por situação laboral, segundo sexo, idade, cor e situação de domicílio.....	12
TABELA 2: Situação da ocupação dos jovens segundo escolaridade.....	13

## **LISTA DE GRÁFICOS**

GRÁFICO 1 – Distribuição percentual dos entrevistados segundo o principal meio de locomoção utilizado nos deslocamentos para o trabalho.....	27
GRÁFICO 2 – Distribuição percentual dos alunos segundo o principal meio de locomoção utilizado nos deslocamento para a escola.....	28
GRÁFICO 3 – Distribuição percentual dos alunos segundo a importância atribuída ao estágio remunerado.....	29

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 O PROBLEMA EM ÂMBITO NACIONAL, ESTADUAL E REGIONAL.....	12
2 SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-TRABALHO.....	17
3 MÉTODOS EMPREGADOS NA PESQUISA E PERFIL DA AMOSTRA.....	22
4 O PROBLEMA VISTO DE PERTO.....	24
4.1 A escola.....	24
4.2 O problema visto pelos que o vivem.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES.....	37
Apêndice I – Questionário aplicado na pesquisa.....	38
Apêndice II – Resumo das respostas ao questionário.....	45



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na temática de estudos das relações entre trabalho e educação na juventude. Para sua elaboração, foi eleito como tema de pesquisa os desafios dos jovens trabalhadores estudantes do ensino médio noturno para conciliar suas necessidades econômicas de inserção no mercado de trabalho, com as aspirações de melhores condições socioeconômicas, através da aquisição de certificação escolar. Segundo Síntese de Indicadores Sociais divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na última década houve duplicação do percentual de jovens de dezoito a vinte e quatro anos com escolaridade de onze anos completos de estudo, passando de 21,7% em 1999 para 40,7% em 2009. Esse incremento é atribuído à exigência do mercado de trabalho de escolaridade mínima de ensino médio (IBGE, 2010).

Não se pode, porém, ver nesses índices melhorias na qualificação escolar com reflexos na situação profissional da juventude sem que antes se façam questionamentos sobre as condições de acesso de jovens trabalhadores à escola. Um estudo da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, publicado em 2006, resultado de pesquisa realizada entre 2003 e 2004 em dez estabelecimentos escolares públicos do Rio Grande do Sul, afirma que “um dos principais problemas do Ensino Médio Noturno é a evasão e parece ser de difícil solução” (ME/SEB, 2006, p. 50), apontando como uma das principais causas desse problema a participação dos estudantes no mercado de trabalho. Conforme Zibas (1993, p. 111), “os cursos noturnos tornam-se catalisadores de uma contradição social básica” por abrigarem jovens que carecem de oportunidades educacionais para a competição no mercado e que buscam melhor qualificação para obterem colocações profissionais com remunerações mais vantajosas. Esse tipo de situação pode ser considerado dentro do que Antunes (2009, p. 176) denomina de “metabolismo social do capital”, onde os indivíduos são compelidos a empregar para o capital seu tempo não absorvido pela produção, seja através do consumo, seja na qualificação para o mercado de trabalho.

Para melhor elucidação do problema, deve-se procurar responder algumas questões específicas: qual a dimensão da defasagem idade-série nas turmas de nível médio do turno da noite, que tipo de vínculos tem esses estudantes com a

esfera do trabalho e quais suas expectativas quanto à continuidade dos estudos e ocupação profissional? É de se esperar que: existam discrepâncias expressivas entre a idade desses alunos e a série que deveriam estar cursando, em decorrência de evasões e repetências; seus vínculos de trabalho sejam precários, em função de seu ingresso precoce no mercado de trabalho pressionados por desvantagens socioeconômicas; e, por buscarem certificação escolar, eles mantenham expectativas de melhores condições de trabalho como consequência da progressão no nível de escolaridade.

Estudos prévios indicam que as duas primeiras hipóteses incidem uma sobre a outra. O fato de vínculos com o trabalho serem causas de evasão nos cursos noturnos, conforme a referida análise da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação (ME/SEB, op. cit.), pode ser complementado com observações feitas por outros autores, segundo os quais: “o trabalho precoce roubaria do jovem a possibilidade de conseguir melhor inserção, por meio de maior preparação, visto que a dedicação ao trabalho acaba por provocar atraso escolar” (BRANCO, 2005; SPOSITO, 2003, apud LACHTIM e SOARES, 2011, p. 284). Quanto à terceira hipótese, encontramos relevante caracterização de Abdala (2004) sobre jovens estudantes e trabalhadores do início do terceiro milênio, diferenciando-os daqueles da geração conformista das camadas populares da época da ditadura militar, dos contestadores de classe média daquele mesmo período, bem como dos caras pintadas do início dos anos 1990. Conforme a autora:

Esses jovens pobres, que estão entrando na geração adulta no início do terceiro milênio, não pintam a cara, não fazem passeatas, mas resistem, de muitas maneiras, lutam nos espaços possíveis, mesmo que seja recusando o que não lhes interessa, o que não faz sentido. Um desses espaços possíveis de luta é a escola. Talvez, para muitos, seja o único (ABDALA, op. cit., p. 67/8).

Ao aprofundarmos a discussão dessas questões, organizamos as referências selecionadas, procurando separar elementos de análises conjunturais das considerações teóricas de maior amplitude, a fim de relacionarmos aspectos da situação atual do problema com suas dimensões estruturais. Os primeiros serviram de base para a organização do primeiro capítulo: *O problema em âmbito nacional, estadual e regional*. Os segundos compõem o capítulo dois, *Sobre a relação escola-trabalho*. Como objeto de pesquisa foi escolhida uma turma de ensino médio noturno

de uma escola estadual de Porto Alegre. Iniciamos o trabalho com uma turma de formandos do nível médio, a fim de que, na iminência da mudança de nível desses estudantes, pudéssemos construir uma abordagem sobre seus desafios e expectativas em relação ao mercado de trabalho e à continuidade dos estudos. Posteriormente, sentimos a necessidade de inclusão de uma turma de primeiro ano do ensino médio noturno da mesma escola, para que pudéssemos ter elementos de comparação – nesse caso, entre alunos que estão iniciando e os que estão concluindo o nível médio de escolaridade. Os dados foram obtidos em dois meses de pesquisa de campo com visitas semanais à escola, descrita no terceiro capítulo: *Métodos empregados na pesquisa e perfil da amostra*, resultando na elaboração do quarto capítulo: *O problema visto de perto*.

## 1 O PROBLEMA EM ÂMBITO NACIONAL, ESTADUAL E REGIONAL

Segundo dados divulgados pelo IBGE, a partir de Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD), como reflexo das exigências do mercado de trabalho de formação mínima no ensino médio: “Observa-se que, de 1999 para 2009, a proporção das pessoas economicamente ativas de 18 a 24 anos de idade com 11 anos de estudo quase dobrou, passando de 21,7% para 40,7%” (IBGE, 2010, p. 49). É necessário, porém, que sejam consideradas as condições de acesso à escola e ao trabalho por parte dos jovens, a fim de que se possam dimensionar as perspectivas colocadas como qualidade de vida através de remuneração do trabalho para a juventude. Nesse sentido, cabe ressaltar que essas condições não são distribuídas de maneira igual para o conjunto da juventude brasileira. Conforme análise do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2006, p. 2):

(...) os jovens enfrentam grandes dificuldades para entrar no mercado de trabalho. Quando ocupados, suas inserções variam em função da renda familiar, quanto à possibilidade de frequentar a escola, ao setor de atividade econômica em que trabalham, à forma de inserção, jornada de trabalho e região de domicílio<sup>1</sup>.

Lobato e Labrea (2013), ao interpretarem os dados do censo demográfico de 2010, concluíram que a desigualdade e a exclusão social manifestam-se na inserção da juventude no mundo do trabalho, conforme características sociais estruturantes expostas na tabela abaixo:

**Tabela 1** – Jovens brasileiros: por situação laboral, segundo sexo, idade, cor e situação de domicílio

	Total	Homem	Mulher	15-17	18-24	25-29	Branco	Negro	Urbano	Rural
Trabalha	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Sim	53,5	62,0	45,1	29,9	60,7	69,8	58,0	50,0	55,7	41,5
Não	46,5	38,0	54,9	70,1	39,3	30,2	42,0	50,0	44,3	58,5

**Fonte:** Lobato e Labrea (op. cit., p. 34)

Como se pode perceber, a proporção dos que não trabalham diminui com o avanço da idade, é maior entre as mulheres e os negros e também no meio rural em

<sup>1</sup> A análise do DIEESE baseia-se em dados de PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego –, realizada pelo DIEESE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), Ministério do Trabalho e Emprego/FAT e governos locais, em cinco regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo) e no Distrito Federal.

comparação com o urbano. Segundo as autoras:

Esses dados demonstram que há forte desigualdade e exclusão social. Isso muitas vezes determina a trajetória de vida desses jovens, que, sem intervenção do Estado, tendem a permanecer nessas condições em que não têm ou é precarizado o acesso à justiça, à plena participação no sistema político e, ainda, à educação de qualidade, ao trabalho digno, ao salário justo, à saúde, ao lazer, entre outros direitos (LOBATO e LABREA, op. cit., p. 34)

Conclusão que se torna mais contundente se considerarmos que a juventude representa o percentual mais elevado – 26,9% – da população brasileira na curva demográfica, constituindo-se com predominância no meio urbano – 84,7% – e sendo composta por 53,7% de negros e 44,7% de brancos (IDEM, IBIDEM). Por outro lado, 53,5% dos jovens trabalham, pouco mais da metade destes – 52,7% – possui carteira assinada, e as oportunidades de trabalho aumentam com o avanço da escolaridade, conforme se pode observar na tabela abaixo:

**Tabela 2 – Situação da ocupação dos jovens segundo escolaridade**

	Nível de escolaridade					
	Nunca estudou	Alfabetização	Fundamental	Médio	Graduação	Pós-graduação
	%	%	%	%	%	%
Trabalha	31,6	37,1	46,7	54,1	68,9	81,6
Não trabalha	68,4	62,9	53,3	45,9	31,1	18,4

**Fonte:** Lobato e Labrea (op. cit., p. 36)

A maioria desses jovens possui escolaridade de nível médio – 46%, seguidos pelos que possuem o ensino fundamental – 35% – e pelos que possuem graduação – 14%. Nos extremos estão os que não estudaram – 2%, os apenas alfabetizados – 1% – e os pós-graduados – 2% (IDEM, IBIDEM).

Existem levantamentos de dados e estudos que nos permitem dimensionar o problema também em âmbito regional e estadual. Dados recentes divulgados pela Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE) sobre a situação do emprego e desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA) nos últimos vinte anos revelam que, de 1993 a 2012, houve redução na taxa de jovens com escolaridade fundamental incompleta de 46,3% para 12,1%, enquanto o percentual de jovens com ensino médio completo a superior incompleto passou de 25% para 54,7%. Ao analisar esses dados, Borges (2013) considera que: "Essa

situação mostra o ingresso de um jovem mais escolarizado no mercado de trabalho da RMPA, em comparação com aquele do início dos anos 90" (Op. cit., p. 21). E ressalta:

É relevante, ainda, o fato de que os jovens apresentam um comportamento peculiar em relação à escolaridade, pois uma parte desse grupo já deveria ter concluído o ensino médio ou superior, porém constata-se a existência de uma alta defasagem idade-série nesse segmento. Um indicativo dessa situação na RMPA é o percentual elevado de ocupados jovens que permaneciam, em 2012, no ensino fundamental, isto é, em um nível de educação formal incompatível com sua idade (IDEM, IBIDEM).

Na sequência, ao relacionar frequência de jovens à escola e sua participação no mercado de trabalho, Borges (op. cit.) constata que se alterou, no período considerado, o percentual dos que somente se dedicam aos estudos de 14,6% para 22,8%. A maior parte desse contingente foi representada por jovens adolescentes<sup>2</sup>, com percentuais que passaram de 34,7% para 58,7%. Essa mudança pode, segundo a autora, estar relacionada com a melhoria de renda das famílias, fator significativo no adiamento do ingresso juvenil no mercado de trabalho. Outros dados relevantes são representados pelo percentual de jovens – 11,2% – que, em 2012, não trabalhavam nem estudavam, e também pela taxa de desemprego do segmento – 15,8% – mais do que o dobro da média do ano. Embora esse percentual represente recuo em relação a 1993 – quando a taxa registrada para o segmento foi de 26,2% – os altos índices em relação à média podem ser considerados um indicativo da precariedade das relações de trabalho a que estão sujeitos os jovens, ou seja:

Destaque-se que o segmento juvenil é reconhecido como sendo exposto a condições mais precárias de inserção no mercado de trabalho. Essa maior fragilidade pode ser inferida, por exemplo, pelo alto nível de desemprego no grupo, bastante superior ao dos outros trabalhadores (IDEM, IBIDEM).

Ao estudarmos a intersecção entre trabalho e educação – de uma perspectiva dos jovens pressionados ao ingresso no mercado de trabalho para suprirem suas necessidades ou desejos de consumo por um lado e, por outro, pela busca de

---

<sup>2</sup> A autora divide o segmento jovem em dois subgrupos: jovens adolescentes (16 a 17 anos de idade) e jovens adultos (18 a 24 anos de idade).

certificação escolar na expectativa de melhores posições profissionais – é fundamental lançarmos um olhar sobre a situação das condições de ensino no turno da noite, frequentado por jovens estudantes trabalhadores.

Conforme análise da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação, referida ao início desse trabalho, a rede pública estadual é a principal responsável pelo atendimento ao ensino médio no Rio Grande do Sul. Dados divulgados nesse estudo revelam que “em 2002, de um total de 483.407 alunos do ensino médio, 409.662 – 85% – estudavam na rede estadual” (ME/SEB, 2006, p. 29). O documento registra também que, na mesma época, esse percentual sofria um acréscimo de 10% no que se referia ao ensino médio noturno na rede pública em relação às escolas privadas, ou seja, “dos 195.957 alunos matriculados no noturno de nível médio, 95% estudavam na rede estadual” (IDEM, IBIDEM). O texto registra ainda carência de dados nas administrações escolares referente às situações dos alunos trabalhadores, ressaltando as implicações da falta de abordagens mais criteriosas do assunto, conforme se depreende do seguinte trecho:

A propósito, esse é um aspecto a merecer maior atenção, contemplando a apropriação e o uso dessa informação pelas escolas e pelos sistemas estatísticos públicos, inclusive com a utilização de conceitos que oferecem informação mais correta quanto a emprego, desemprego, ocupação (como usado pelo IBGE). No entanto por essa utilização equivocada do conceito de aluno trabalhador, verificou-se que algumas escolas utilizam a informação como critério de admissão dos alunos, muitas vezes dificultando o acesso daqueles que estão desempregados em dado momento (ME/SEB, 2006, p. 50).

Retomando a recente análise de Lobato e Labrea (op. cit.) e atentando ao fato de que as referidas autoras chamam a atenção para a necessidade de políticas públicas que garantam, principalmente às populações de baixa renda, condições de conciliação entre trabalho e estudo, somos levados a pensar que soluções efetivas para o problema não foram adotadas e nem esboçadas, não obstante a maior escolarização da mão-de-obra jovem. Conforme elas observam, é preciso levar em conta que se, por um lado, os dados do censo de 2010 revelaram que 97,2% dos jovens brasileiros eram alfabetizados; por outro, apenas 35,8% desse total estava estudando. E, relacionando maior escolarização com maiores exigências do mercado de trabalho, as autoras dão uma volta a mais no parafuso e relacionam a precariedade do ensino a que tem acesso os jovens mais pobres com a

precariedade das condições de trabalho a que estão sujeitos. Ou seja, ao considerarem os aumentos nos índices de escolarização em confronto com o dado de que os jovens inseridos no mercado de trabalho na última década foi de 53,5% contra 44,8% na década anterior, elas concluem:

Esse dado aponta que a educação está diretamente ligada ao acesso ao mercado de trabalho, mas conjugar estudo e trabalho é difícil para os jovens, especialmente para aqueles de famílias de baixa renda, porque a conclusão do ensino médio não implica bons empregos. A grande maioria dos jovens se insere no mercado de trabalho de maneira precária, e, uma vez trabalhando, o grau de investimento nos estudos declina, tornando difícil um emprego melhor, de modo que tal situação gera um ciclo de insegurança e instabilidade que os acompanha na vida adulta (LOBATO e LABREA, op. cit., p. 35).

No que se refere a políticas públicas para a juventude, Frezza *et al.* (2009) destacam a falta de articulação entre políticas e instituição como algo que se sobressai em relação a políticas públicas para adultos. Ao analisarem textos de projetos voltados para a juventude nas áreas de trabalho e educação, essas autoras constataram que tais projetos carecem de continuidade, têm ferramentas limitadas e retórica predominantemente econômica, além de serem vagos em seus propósitos: "De forma generalizada, resta aos discursos de educação, superação, cidadania, inclusão, entre outros, o papel de servirem de justificativa aos programas de políticas públicas" (FREZZA *et al.*, op. cit., p. 320). Essa deficiência também pode ser percebida no texto do Plano Nacional de Educação (PNE), que desde o final de 2010 tramita no Congresso Nacional. Sobre educação no turno da noite, por exemplo, não obstante as especificidades desse turno, há nas vinte metas e respectivas estratégias do PNE apenas uma breve e vaga referência, que diz respeito à ampliação de vagas; da mesma forma, no que se refere à educação e trabalho, esses termos são associados apenas uma vez, referindo-se à articulação da educação com outras áreas sociais, entre elas o trabalho. Nesse sentido, não se verifica avanços em termos de disposições textuais ao que já estava previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que no Título III, sobre direito à educação e dever de educar, prevê no art. 4º, item VI, que a educação escolar pública como dever do estado será efetivado mediante: "oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando" (BRASIL, 1996), sem nenhuma referência às formas de garantia desse preceito.



## 2 SOBRE A RELAÇÃO ESCOLA-TRABALHO

A abordagem a que nos propomos procura contemplar a escola como espaço social, onde os indivíduos que a frequentam estabelecem relações permeadas por experiências vividas em outros ambientes, como o de trabalho, o familiar e o de lazer. Nessa perspectiva, após apresentarmos considerações sobre as relações entre escola e sociedade feitas por Bourdieu (2007) e Santos (2009), fazemos referências a abordagens de diversos autores sobre as especificidades da relação entre juventude, trabalho e educação no Brasil. Segundo Bourdieu:

O que os indivíduos devem à escola é sobretudo um repertório de lugares-comuns, não apenas um discurso e uma linguagem comuns, mas também terrenos de encontro e acordo, problemas comuns e maneiras comuns de abordar tais problemas comuns (Op. cit., p. 207).

As experiências humanas, assim concebidas, têm viés temporal e espacial, influenciam o indivíduo e são por ele influenciadas. Segundo Santos:

(...) É comum identificar as nossas trajetórias pessoais à sucessão do tempo da família, da escola e do trabalho. Foi em atenção a essa sucessão que se constituíram muitos dos ramos da sociologia e de outras ciências sociais: a sociologia da família e da infância, a sociologia da educação e da juventude, a sociologia do trabalho e da produção, a sociologia do lazer e da terceira idade. Começamos hoje a ver que cada um destes tempos é, simultaneamente, a convocação de um espaço específico que confere uma materialidade própria às relações sociais que nele têm lugar. A sucessão de tempos é também uma sucessão de espaços que percorremos e nos percorrem, deixando em nós marcas que deixamos neles (Op. cit., p. 194).

Segundo Antunes (2009) “O *tempo livre* (grifo do autor) atualmente existente é tempo para consumir mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais. O tempo fora do trabalho está bastante poluído pelo fetichismo da mercadoria”. (p. 191-192) Tal incitação ao consumo gera, entre outras consequências, pressão sobre a renda familiar, e a mera divulgação de índices sobre aumento da escolarização da força de trabalho juvenil e elevação de sua participação na esfera de produção não dão conta de problemas sociais historicamente enraizados na sociedade brasileira. Segundo Abdala (2004), a inserção de jovens brasileiros no mercado de trabalho precede à institucionalização do ensino no turno da noite, que surgiu, antes, para atender a

necessidades de alívio de tensões sociais pela diminuição de pressões sobre a renda familiar e sobre as necessidades de investimentos públicos na educação de nível médio do que para qualificar jovens trabalhadores com o objetivo de melhorar suas condições de ocupação profissional. Conforme a autora:

Sabe-se que a oferta de ensino noturno foi uma imposição da política de financiamento, que infelizmente nunca destinou verba específica para o ensino médio. Quando combinada com a efetiva inserção dos jovens no mercado de trabalho, essa política tornou conveniente o arranjo escola/trabalho, que passou a fazer parte de nossa cultura escolar e da cultura das famílias mais pobres (ABDALA, op. cit., p. 49).

A expansão de vagas no ensino médio através de cursos noturnos pode ser também considerada como uma tendência inerente ao sistema capitalista de estimular a certificação escolar básica entre as camadas populares como forma de controle sobre a classe trabalhadora, seguindo, conforme Fonseca (2003), a sugestão de Adam Smith: "Instrução para as classes trabalhadoras, porém em doses homeopáticas". (p.29) Nos dias atuais, esse controle é reforçado pela ideia de aquisição de conhecimento como meio de acesso a riquezas e conforto, difundida de maneira que comumente tende a responsabilizar os indivíduos por seus próprios fracassos, uma vez que não são consideradas as desigualdades de condições sócio-econômicas na aquisição de saberes valorizados no mercado de trabalho. Conforme Lachtim e Soares (2011):

Dessa forma, o fantasma da necessidade de mais qualificação para resolver o problema da inserção no mercado de trabalho ajuda a mascarar a essência da exploração capitalista, que afeta os jovens mais significativamente, pois são eles que acabam por enfrentar os maiores índices de desemprego e aceitar colocações precárias de trabalho (p. 287).

Não se trata de desconsiderar a existência de positivities da educação e do trabalho para a juventude, mas sim de não se desviar da necessária consideração sobre as condições sociais que influem decisivamente na qualidade de inserção dos jovens na sociedade através da educação e do trabalho. Nesse sentido,

Pode-se dizer que a juventude se dá por tempos e modos distintos, na medida em que essa transição pode ser mais curta ou mais prolongada, dada a conformação social e econômica na qual o jovem está inserido. A pobreza implica não apenas a privação de recursos para subsistência mas também, e sobretudo, a limitação da autonomia para a tomada de decisão sobre os recursos materiais e sociais disponíveis para sua inserção na vida adulta (LOBATO e LABREA, op. cit., p. 33-34).

Não é novidade que diferenças sociais e desigualdades econômicas são fatores decisivos na ampliação ou restrição de oportunidades profissionais para jovens que vivem em diferentes contextos sócio-econômicos. Analisando artigos publicados em revistas de circulação nacional sobre estratégias de sucesso de profissionais jovens através do investimento em educação, Pimenta (2001) faz a seguinte ressalva:

Mas nem todo jovem estudante pode ser exigente. Para a maioria, os requisitos anunciados na imprensa apresentam obstáculos imensos. A seleção dos candidatos às “carreiras de sucesso” começa muito antes da escolha da carreira universitária ou da opção pela escolaridade superior. Para aqueles que podem investir numa boa formação escolar desde a infância, a possibilidade de escolher uma carreira concorrida e conseguir uma vaga nas melhores universidades é maior do que para aqueles que só podem contar com a rede pública de ensino, cujas possibilidades de manter-se na escola dependem, muitas vezes, da suficiência das vagas noturnas (PIMENTA, op. cit., p. 13).

Segundo Corrochano (2013), a proliferação de estudos e pesquisas sobre as condições de acesso à educação por parte de jovens trabalhadores remontam aos anos 1970/80 do século passado. Para a autora, a relação trabalho e educação escolar se manifesta como problema social capaz de despertar interesse sociológico, nessa época, pela conjugação de diversos fatores como expansão do ensino público, estímulo ao consumo – através da disseminação dos meios de comunicação de massa e de mecanismos de acesso ao crédito – e aumento da demanda por trabalho. A dificuldade de conciliação de estudo e trabalho por parte de jovens e adolescentes brasileiros, bem como sua precocidade de ingresso no mercado de trabalho, passam então a ser percebidas como marcas distintivas do caso brasileiro. Ou seja:

Nos países considerados centrais, a análise dessa relação emerge fortemente articulada com a reflexão sobre o processo de inserção ou de transição da escola para o mundo do trabalho. (...) Aqui não se constitui como predominante uma transição para o trabalho depois de finalizada a escolaridade básica. Diferentes autores acentuam duas características importantes que marcam a relação escola e trabalho no país: o ingresso precoce no mercado de trabalho e a conciliação ou superposição de estudo-trabalho (CORROCHANO, op. cit., p. 27).

Para Sposito (2010), às mudanças nas relações assalariadas no mundo do trabalho corresponde uma expansão do sistema escolar brasileiro nas últimas

décadas, caracterizada por “fraca adesão aos rituais escolares e ausência de conflitos em torno da socialização escolar” (SPOSITO, op. cit., p. 99). Levando-se em consideração os argumentos da autora somos levados a pensar se o mercado de trabalho, para as classes populares, está a exigir saber desenvolvido na escola ou mera certificação escolar, pois sua conclusão é que a referida expansão de um sistema escolar sem práticas escolares soma-se:

(...) aos percursos instáveis que levaram a uma enorme fragilidade do mundo do trabalho, evidenciando sua incapacidade de absorção dos segmentos jovens de origem popular nos tempos e espaços formais e reconhecidos das ocupações no Brasil (IDEM, IBIDEM).

Nos limites do presente trabalho, não é possível aprofundarmos a discussão sobre fatores históricos de formação da sociedade brasileira que pesam sobre o tema que estamos abordando. Porém, resgatamos o que dizia Florestan Fernandes em palestra no Ministério da Educação em 1954, ao abordar o tema da educação como fator de integração política nacional, a fim de deixarmos patente a necessidade de enfrentamento, através de políticas públicas, desse problema social historicamente sedimentado na sociedade brasileira. Numa época em que o nível de ensino primário era o mais difundido entre as camadas populares e, assim, supria quando necessária a exigência de certificação escolar para ingresso de indivíduos desse segmento no mercado de trabalho, colocava Fernandes (2008):

Segundo pensamos, o sistema educacional brasileiro poderá produzir efeitos suficientes para alterar, em um sentido positivo, a articulação do Estado às condições reais da nação. Aqui nos defrontamos de novo com questões complicadas (...). No caso, basta-nos lembrar que o único nível de ensino que tem atingido parcelas variáveis mas extensas das camadas populares é o do ensino primário. Contudo, os especialistas que se dedicaram à investigação da escola primária brasileira concluem que ela não produz os efeitos educativos que seriam desejáveis (p. 108).

A deficiência de produção de efeitos desejáveis, segundo o autor, devia-se às características de uma escola que funcionava como “agência de evasão, nas zonas rurais” e, nas sociedades urbanas, não proporcionava “preparação bastante sólida para a vida ulterior dos educandos” (IDEM, IBIDEM). Convém, entretanto, deixarmos estabelecido que Florestan Fernandes não estava a propor para a educação escolar um papel redentor em relação aos nossos problemas sociais, mas problematizando sobre a necessidade de “intervenção do Estado, com propósitos definidos de ajustar o sistema educacional brasileiro às necessidades mais urgentes da vida política

nacional” (IDEM, p. 111). Lembrando a recente avaliação de Lobato e Labrea (2013, p. 35) de que “a conclusão do ensino médio não implica bons empregos”, forçoso é concluir que os problemas estruturais que pesam sobre os jovens trabalhadores brasileiros, não obstante o aumento no nível de escolaridade dos pertencentes a atual geração, são semelhantes aos que afetavam os das gerações de seis décadas atrás.

### **3 MÉTODOS EMPREGADOS NA PESQUISA E PERFIL DA AMOSTRA**

As atividades de pesquisa na escola foram realizadas sempre com a preocupação do pesquisador em não interferir nas rotinas de trabalho de professores e de alunos, embora não tenha faltado receptividade e disposição por parte deles em colaborar com a pesquisa. Entretanto, o fato de estarmos desenvolvendo um trabalho junto a estudantes para quem o tempo disponível para estudos é exíguo esteve presente em nossa prática como elemento sensível. Assim, sempre procuramos respeitar o tempo em que muitos alunos estudavam para provas ou faziam trabalhos manuscritos, nos horários que antecederiam o primeiro período ou nos intervalos, evitando conversas nessas ocasiões, bastante frequentes. Para a aplicação do questionário, foi previamente combinada a cedência de horários de aulas com a supervisão pedagógica e com professores, havendo assim uma captura para nossa atividade de pesquisa de um tempo destinado a atividades de ensino-aprendizagem.

As informações foram coletadas através de observações e conversas, anotadas em diário de campo, com alunos e professores. Além disso, recorreremos à aplicação de um questionário com 30 questões (Apêndice 1), aos alunos de uma turma do primeiro ano e do terceiro ano do Ensino Médio, com a finalidade de construir uma matriz quantitativa de dados sobre a qual pudéssemos trabalhar com as informações selecionadas como relevantes nas conversas e observações.

As respostas ao questionário foram organizadas em um formulário através do aplicativo Google Docs e encontram-se disponíveis ao final desse trabalho (Apêndice 2). No total, foram respondidos trinta e dois questionários, sendo 12 pelos alunos do primeiro ano e 20 pelos alunos do terceiro ano. O pequeno número de alunos deve-se aos elevados índices de evasão no primeiro ano – conforme é exposto no capítulo seguinte – e à irregularidade de frequências no terceiro ano, nem sempre voluntárias. Esse foi o caso de dois alunos que prestam serviço militar como soldados do exército, que não puderam comparecer às aulas, na semana de aplicação dos questionários, porque estavam participando de exercícios em acampamento militar. As respostas revelaram que os alunos tem entre 16 e 21 anos, a maioria – vinte e um deles – entre 17 e 18 anos. A distribuição dos respondentes por sexo foi de doze mulheres e vinte homens, dos quais a maioria, vinte e seis,

responderam considerar-se brancos. Dos trinta e dois respondentes, dezenove começaram a frequentar a escola no turno da noite esse ano. Quanto à situação familiar, a maioria – dezenove – mora com pai (ou padrasto) e mãe (ou madrasta) e irmãos, seis moram com a mãe e irmãos, um mora com amigos – com quem divide despesas – e seis informaram outras situações de convivência familiar, que envolvem outros parentes como tios e avós. Quanto à renda familiar em salários mínimos: dez responderam que a família ganha entre dois e três; nove, entre três e cinco; seis, entre um e dois; três, mais de cinco; um, menos de um salário; e três não souberam responder. Quanto à escolaridade dos pais, as respostas revelam que as mães apresentam melhores níveis, ficando seus índices entre o ensino médio completo e o superior incompleto em 47%, enquanto nesse mesmo nível os pais ficaram com um índice de 25%. A maioria desses alunos já teve repetências escolares: doze deles tiveram uma vez; dez, duas vezes e um repetiu três vezes. O percentual dos que desempenhavam atividade remunerada, entre os alunos que responderam o questionário, foi de 72%. Destes 39% eram empregados com carteira assinada, 39% estagiários remunerados, 17% trabalhavam em negócio da família e 5% em ocupação sem carteira assinada. As jornadas de trabalho situam-se na faixa de quatro a oito ou mais horas, sendo que a maioria – 82% – das respostas ficou situada na faixa a partir de seis horas, com 22% trabalhando oito ou mais horas. As respostas revelam ainda que 41% são responsáveis pelo próprio sustento e 31% contribuem para a renda familiar.

No capítulo seguinte, são retomados alguns desses dados e confrontados com outras informações da pesquisa obtidas através de observações e conversas durante as visitas à escola.

## **4 O PROBLEMA VISTO DE PERTO**

Essa seção é dividida em duas partes. Na primeira, é dimensionado o espaço institucional de realização da pesquisa através de uma breve descrição da escola onde foram realizadas observações, entrevistas e aplicações de questionários. Na segunda, é desenvolvida uma abordagem do problema a partir dos dados obtidos junto a atores que participam desse espaço e com quem tivemos contato durante dois meses com frequências semanais.

### **4.1 A escola**

A escola em que teve lugar a pesquisa de campo localiza-se no bairro Cristo Redentor, na zona norte de Porto Alegre, pertence à rede estadual de ensino e possui em torno de 1300 alunos matriculados em turmas que vão desde o ensino infantil ao pós-médio. Neste último nível, existem os cursos técnicos em contabilidade e administração e de permanência para formação em magistério de nível médio – os dois primeiros com duração de um ano e meio e o último com duração de um semestre. Os cursos de ensino médio estão distribuídos entre os turnos da manhã, tarde e noite. No turno da tarde existe apenas o Curso Normal (habilitação de nível médio em magistério), e os demais cursos de nível médio (sem habilitação específica) funcionam nos turnos da manhã e noite. As turmas do ensino médio da manhã são: 5 (1º ano), 4 (2º ano) e 3 (3º ano); no noturno são: 3 (1º ano), 1 (2º ano) e 1 (3º ano). No turno da noite, as turmas de primeiro e segundo ano têm em média quarenta alunos matriculados, enquanto a do terceiro ano tem inscritos trinta e dois alunos. Percebe-se, portanto, um processo de evasão escolar a partir do primeiro ano e um afunilamento na progressão dos alunos no ensino médio noturno, considerando-se o número dos que se matriculam no primeiro em relação ao número dos que estão concluindo o terceiro ano.

Conforme informações disponíveis no site da Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, a escola está equipada com os seguintes serviços: biblioteca escolar, círculo de pais e mestres, secretaria, serviço de nutrição escolar, serviço de audiovisual, serviço de orientação educacional, serviço de pessoal, serviço de supervisão escolar, serviço de coordenação pedagógica, serviço de integração escola-empresa, serviço de material, serviço de recursos didáticos,



serviço de direção, sala dos professores e laboratório de informática. Desses, conhecemos de perto a biblioteca, que – além de livros – possui quatro computadores disponíveis para os alunos fazerem uso em pesquisas e execução de trabalhos. Além desses computadores, conforme informado pela professora que desempenha as funções de bibliotecária, a escola está equipada com mais duas salas de informática, com trinta computadores cada, para uso dos alunos em turmas, acompanhados de professores em atividades de pesquisas em grupo. Foi-nos possibilitado também acompanhar os alunos do terceiro ano em uma atividade da disciplina de Física na sala de vídeos, que consistiu na exibição de um filme de ficção científica sobre uma expedição de pesquisa ao centro da Terra, complementada por posteriores exposições da professora em sala de aula sobre o tema campo elétrico. No que se refere ao serviço de nutrição escolar, a escola possui refeitório e provê janta aos alunos dos cursos noturnos, das 18h às 19h e 30 minutos.

Sobre o serviço de integração empresa-escola, que interessa particularmente ao tema aqui abordado, na subseção seguinte são apresentados resultados de entrevista com o professor responsável por esse setor, contextualizados na elaboração feita a partir de dados obtidos junto aos demais atores com quem interagimos na atividade de pesquisa.

## **4.2 O problema visto pelos que o vivem**

A fim de comparar a situação dos alunos que estavam começando os estudos no ensino médio noturno com a dos que estão concluindo, acompanhamos aulas, aplicamos questionários e conversamos com estudantes de uma das turmas de primeiro ano e da turma de terceiro ano. Apesar de atrasos, frequências irregulares e saídas das aulas, nessa última turma não se percebe muita evasão, ou como disse um aluno: “Nós chegamos até aqui, agora vamos terminar”. Ao contrário, no primeiro ano, o número de desistências é bastante elevado. Segundo informações de uma professora que dá aulas nas três turmas de primeiro ano, a situação de evasão é bastante elevada em todas as turmas. A média de comparecimento é de quinze alunos, contando-se aqueles que, apesar de não desistirem, frequentam a escola de forma irregular. As respostas aos questionários também revelaram uma tendência de

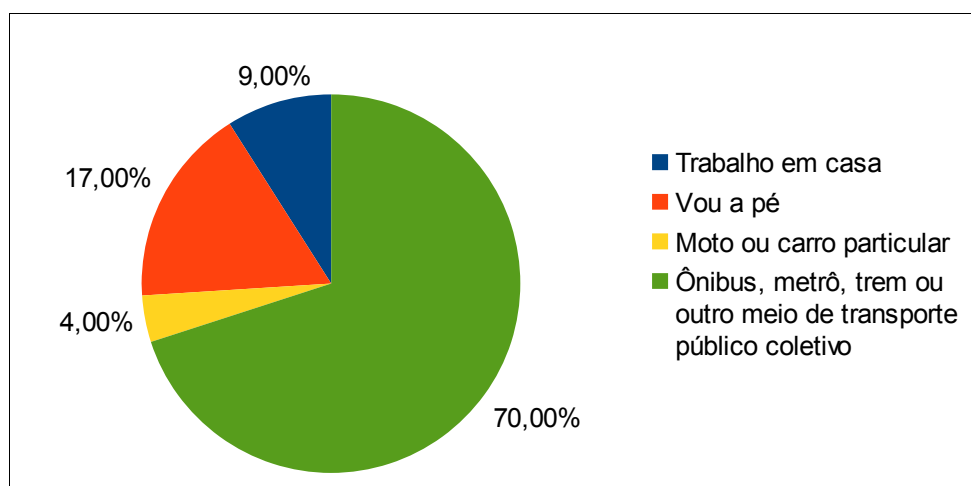
maior defasagem idade-série no primeiro do que no terceiro ano. Dos doze alunos do primeiro ano que responderam ao questionário, nove tinham entre 17 e 18 anos, enquanto dos vinte respondentes do terceiro ano seis tinham entre 19 e 20 anos.

Conforme o professor responsável pela coordenação de estágios, o afunilamento na progressão do ensino médio noturno dá-se quase que exclusivamente por evasão, uma vez que os reprovados quase sempre conseguem progredir, fazendo no mês de março o chamado avanço, que consiste na realização de uma prova de recuperação nas disciplinas em que foram reprovados no ano anterior. Segundo ele, há muita preocupação com o fato de vários alunos se matricularem visando principalmente a obtenção de estágio remunerado, por isso é feito um controle permanente para saber se os alunos com contratos de estágio estão comparecendo às aulas. A frequência às aulas para que haja renovação dos contratos tem de ser de no mínimo 75%. O professor esclarece que não é sua função fazer trabalho pró-ativo para encaminhamento dos alunos para vagas de estágios, e sim controlar a compatibilidade das atividades laborais nos locais de estágio com a educação escolar, mas diz que muitos alunos pensam que ele presta serviço como “*agenciador de estágios*” e lhe perguntam se ele não pode lhes conseguir “*uma boquinha de estágio*”. O coordenador admite a possibilidade de desvios de funções nas atividades de estágios, que podem ser ocultadas pelos estagiários, a fim de manterem o vínculo com o trabalho. Essas situações só podem ser verificadas através dos relatórios feitos nas avaliações com os estagiários e, ocorrendo, é feito contato com os responsáveis pelos locais onde eles desempenham suas funções. A supervisora pedagógica do turno da noite também avalia que muitos estudantes se matriculam no período noturno com vistas principalmente à obtenção de vagas como estagiários.

A professora de Língua Portuguesa das três turmas de primeiro ano, que também exerce a docência junto às classes do turno da manhã, diz que a evasão escolar, comparando-se os dois turnos, é notável: “*No turno da manhã, praticamente todos os que começam terminam, mas à noite é isso aí – faz um gesto, indicando a sala com poucos alunos –, todos os anos é assim, mais da metade desiste*”. Além do cansaço no final do dia sentido por jovens trabalhadores, ela considera como fator de desestímulo à frequência o fato de os próprios professores se sentirem pouco

motivados para dar aulas mais agradáveis, não só pelos baixos salários, mas por falta de condições de trabalho. Como exemplo, ela diz que não pode adotar textos para trabalho em sala de aula que sejam mais adequados que os disponíveis no livro didático, pois não há custeio para reprodução de material. O livro didático ainda tem para os alunos de cursos noturnos, em sua opinião, o agravante da carga a ser transportada durante longos trajetos entre casa, local de trabalho e escola: “*Imagina o peso de uma mochila para o aluno carregar em todos esses trajetos, com um livro para cada disciplina: um de Matemática, um de Química, um de Geografia, um de Língua Portuguesa... A maioria não traz os livros*”, afirma a professora. Essa é uma informação relevante, confrontada com o fato de que, entre os alunos que responderam o questionário, 70% dos que exercem atividade remunerada utilizam o transporte coletivo – que tem sabidos problemas de superlotação nos horários de pico – para chegar ao local de trabalho (gráfico 1).

**Gráfico 1 – Distribuição percentual dos entrevistados segundo o principal meio de locomoção utilizado nos deslocamentos para o trabalho**

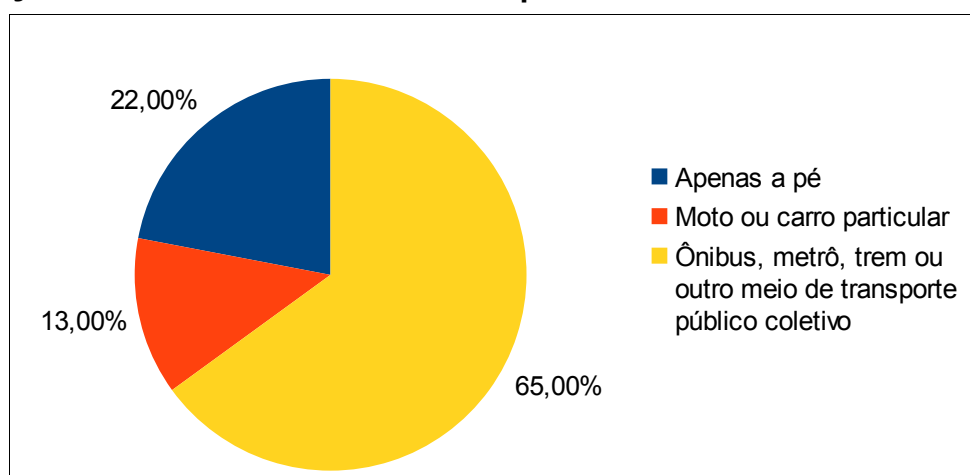


**Fonte:** Pesquisa realizada em escola pública estadual em Porto Alegre, novembro de 2013.

As principais faixas de tempo de deslocamento ficaram entre 15 a 30 minutos: 38%, e 30 minutos a uma hora: 48% (Apêndice 2). Isso mostra que a maioria dos entrevistados demora para chegar ao trabalho. Por outro lado, 65% de todos os que responderam o questionário também fazem uso de transporte coletivo para chegar até a escola, conforme se pode observar no gráfico 2. Nesse caso, porém, os

percentuais ficaram com uma melhor distribuição nas faixas de tempo colocadas como opção de resposta: 28%, menos de 15 minutos; 38% entre 15 a 30 minutos e 34% entre 30 minutos a uma hora (Apêndice 2). Não temos aqui, entretanto, como avaliar se isso se deve ao fato de alguns alunos trabalharem em local próximo à escola ou por haver alunos que não trabalham e moram próximo à escola. Mas percebe-se que boa parte demora para chegar à escola. E, de qualquer forma, existe uma predominância de uso do transporte público coletivo em deslocamentos para o trabalho e a escola, com a maior parte dos estudantes ocupando nesses deslocamentos frações de tempo que vão de 15 minutos a uma hora.

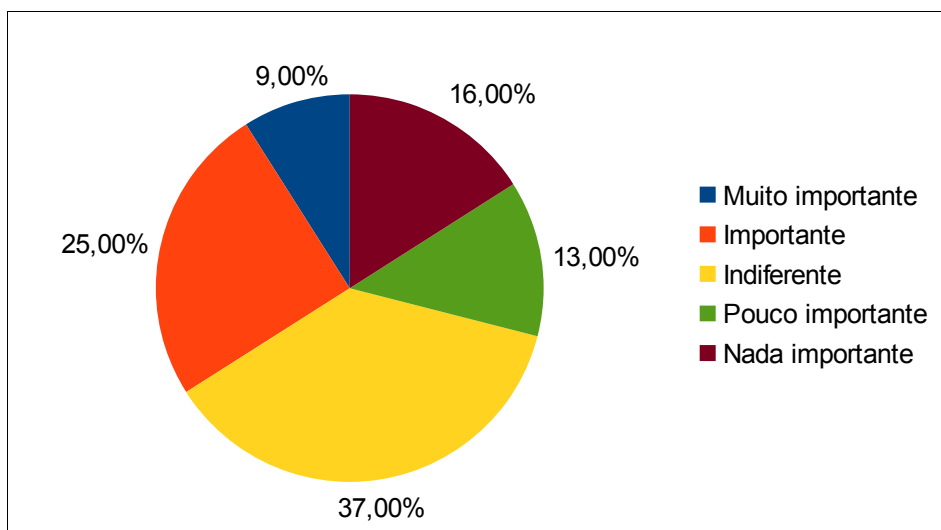
**Gráfico 2 – Distribuição percentual dos alunos segundo o principal meio de locomoção utilizado nos deslocamentos para a escola**



**Fonte:** Pesquisa realizada em escola pública estadual em Porto Alegre, novembro de 2013.

Retomando a questão do estágio remunerado, ressaltada pela supervisora pedagógica do turno da noite e pelo coordenador de estágios, a maioria dos alunos não o avaliaram como motivo prioritário para frequentar a escola, conforme demonstra o gráfico 3. Assim, aparentemente as respostas aos questionários contradizem a avaliação da supervisora e do coordenador de estágios.

**Gráfico 3 – Distribuição percentual dos alunos segundo a importância atribuída ao estágio remunerado**



**Fonte:** Pesquisa realizada em escola pública estadual em Porto Alegre, novembro de 2013.

Porém, essas respostas precisam ser consideradas tendo como pano de fundo os números referentes aos alunos que exercem atividades remuneradas, apresentados no perfil da amostra. Assim, uma possível inferência é que aqueles alunos que participam da esfera do trabalho como empregados com carteira assinada ou em atividades nos negócios da família não atribuem importância ao estágio remunerado. Essa probabilidade é ainda mais reforçada, se considerarmos que 41% dos respondentes responderam que são reponsáveis pelo próprio sustento e que 31% disseram participar da renda familiar. Em tais casos, o estágio remunerado fica fora de cogitação para aqueles que têm como principal objetivo a conclusão do ensino médio e não podem abdicar de vínculos mais sólidos com o trabalho. Assim, exemplifica o caso de um estudante empregado, que trabalha em média oito horas diárias, não tem tempo para estudar e sempre procura chegar um pouco mais cedo à escola para dar uma revisada na matéria antes do início das aulas e, ao falar de seus planos, diz: *“me preocupo com uma coisa de cada vez, primeiro quero terminar aqui e depois vou pensar no que fazer”*. Por outro lado, se considerarmos que 81% dos que responderam o questionário disseram que estudam para progredir no nível de escolaridade e obter melhores oportunidades de trabalho, somos levados a pensar que os estudantes lançam mão do estágio remunerado como um mecanismo remuneratório transitório. Isso fica bem exemplificado com o

caso de uma aluna, que faz curso técnico de segurança do trabalho em estabelecimento privado pela manhã, tem estágio remunerado em um órgão público à tarde e estuda à noite; ela está preocupada com o que fazer no ano seguinte, porque deve concluir esse ano tanto o ensino médio como o curso técnico, fez as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e pretende fazer vestibular para direito. Não temos como dimensionar no âmbito desse trabalho, a informação do professor coordenador de estágio – por tratar-se de ex-alunos – de que muitos estudantes, depois de conseguirem o contrato de estágio, deixam de frequentar a escola. Porém, considerando-se os altos índices de evasão no primeiro ano noturno, essa informação precisa ser considerada. Em contrapartida, existe a possibilidade do estudante com vínculo empregatício, se tiver suporte familiar, optar em trocar emprego por estágio remunerado, a fim de ter jornadas de trabalho mais curtas e flexíveis e poder dedicar mais tempo às atividades escolares. Esse foi o caso de uma aluna, que relatou ter passado por um *“tempo mais complicado antes, quando tinha emprego com carteira, agora com estágio está mais fácil”*.

Pode-se ainda inferir das respostas que existe a percepção entre os alunos da correlação entre melhor nível de escolaridade e melhores oportunidades de trabalho. Além de ter sido bastante significativo o percentual dos que responderam que estudam para progredir no nível de escolaridade e obter melhores condições de trabalho, 94% dos respondentes disseram frequentar a escola com expectativa de acesso ao ensino de nível superior. Nesse mesmo sentido, é relevante que a maioria – 30% – tenha apontado nas respostas à questão sobre a percepção das dificuldades para ingresso no mercado de trabalho ou melhoria no nível de emprego, como principal impedimento, a insuficiência do nível de escolaridade em relação aos postos de trabalho, enquanto o segundo motivo apontado tenha sido a falta de qualificação profissional, representando 21% das repostas. Ou seja, pode-se dizer que a maioria dos alunos que permanecem na escola estão preocupados com o aumento no nível de escolaridade e tem expectativa de que isso venha a ter impacto em suas atividades profissionais. Todavia, as respostas revelam exiguidade de tempo considerável para dedicação aos estudos. Durante a semana, 50% disseram não ter disponibilidade de tempo para estudar, 10% responderam que estudam até uma hora e 6% estudam de uma a duas horas. Durante os finais de semana, diminui

para 34% o percentual dos que não têm tempo para estudar, caindo também o percentual de até uma hora para 7% e aumentando significativamente para 34% o percentual dos que estudam de uma a duas horas, ao mesmo tempo em que aparecem respostas para as faixas de duas a três horas – 6% – e de três a quatro horas – 3%. Por outro lado, é preciso ainda considerar outros fatores que, além do trabalho, intervêm na educação. Nas respostas à questão – com opções de múltipla escolha – “O que você faz quando não está trabalhando, nem na escola?”, apenas seis responderam que estudam, vinte e oito disseram que convivem com a família e vinte e sete com os amigos, enquanto vinte e seis responderam que acessam as redes sociais via Internet. Como se vê, são bastante destacados os aspectos de sociabilidade com familiares e amigos, presencial ou virtual, competindo com a disponibilidade de tempo a ser dedicado aos estudos. Ou seja, ao se considerar o problema da disponibilidade de tempo desses estudantes para conciliar jornadas de trabalho com atividades escolares, não se pode deixar de contemplar o fato de que eles necessitam de tempo para viver outras dimensões de suas existências, além do trabalho e da formação escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos da informação do último censo demográfico do IBGE (2010) de que, na última década, havia dobrado o percentual – de 21,7% para 40,7% – dos membros da população economicamente ativa, entre 18 e 24 anos, com mais de onze anos de estudos, e que a causa desse aumento de escolaridade era a exigência do mercado de trabalho de escolaridade mínima de nível médio. Isso nos levou a buscarmos, no ensino médio noturno, informações sobre problemas situados na intersecção entre trabalho e educação para estudantes trabalhadores. No decorrer das leituras sobre o assunto, surgiram considerações que dão conta de que o aumento do nível de escolaridade entre os jovens, principalmente para os dos segmentos populares, está vinculado à precarização tanto das relações de trabalho quanto das condições de educação. Através da pesquisa de campo, procuramos aprofundar o conhecimento dessa precarização.

Nas relações de trabalho, a principal evidência que encontramos é representada pelos estágios remunerados, que na amostra tiveram o mesmo percentual de vínculos empregatícios com carteira assinada – 39%. Nesse sentido, convém ainda lembrar a informação do professor coordenador de estágios de que existem possibilidades de desvios de funções que só podem ser detectadas através de relatos dos estagiários. Não conseguimos reunir elementos suficientes para uma caracterização mais consistente dos outros tipos de vínculos com o trabalho, mas a julgar pelo fato de que 31% contribuem com a renda familiar e que esta situa-se majoritariamente entre um e cinco salários mínimos, conforme informaram 78% dos respondentes, as remunerações do trabalho tendem a ser baixas.

Quanto à precarização das condições de educação, é relevante o fato de 50% dos estudantes terem respondido que não têm tempo para estudar durante a semana. Por outro lado, nas respostas sobre uso do tempo fora do trabalho e da escola, foi significativa a busca de convívio social com familiares e amigos e inexpressiva a realização de atividades vinculadas aos estudos – vide fim do último capítulo –, embora nas respostas à questão referente ao tempo de estudos nos finais de semana tenha havido aumento deste comparado com os dias de semana. Quanto às questões sobre idade-série e evasão no turno da noite, o último aspecto ficou mais realçado que o primeiro no trabalho de campo, ocorrendo principalmente



no primeiro ano, onde os índices ficam em torno de 60%, conforme relato de uma professora e nossa própria constatação em observação no local da pesquisa. Quanto às expectativas dos estudantes em relação a melhores condições de trabalho como consequência da progressão no nível de escolaridade, as respostas não deixam dúvidas: 81% responderam que o principal motivo de frequentarem a escola é a busca de melhores colocações na esfera do trabalho através da progressão escolar, 94% pretende ingressar no ensino de nível superior, 30% atribuíram as dificuldades de ingresso ou melhor colocação no mercado de trabalho à insuficiência de escolaridade e 21% à falta de qualificação.

Das conversas com professores e estudantes, bem como das respostas aos questionários aplicados destacamos dois pontos, à guisa de conclusão: um afirmativo e outro interrogativo. Primeiro, no bojo da precarização das relações de trabalho e das condições de educação, o estágio remunerado surge para os jovens como uma possibilidade transitória de ganho, que alguns encaram como meio para atingir situações melhores e outros – os que tendem a evadir-se da escola – como fonte de remuneração imediata e sem perspectiva de continuidade profissional ou educacional. Segundo, se está havendo, conforme as estatísticas oficiais aumento na escolaridade dos jovens brasileiros, e se existem situações de evasão e de afunilamento na progressão como as que vimos no ensino médio noturno da escola onde se desenvolveu a pesquisa, que fatores estão envolvidos nesse *up grade* de escolarização? Pode estar havendo aumento no tempo de adiamento da entrada dos jovens no mercado de trabalho em função de incremento na renda familiar, conforme apontou Borges (op. cit.)? Afinal, a professora de Língua Portuguesa das turmas de primeiro ano do ensino médio noturno, com quem conversamos, informou que nas turmas do turno da manhã, ao contrário do turno da noite, quase não há evasão. Ou no bojo dos índices positivos dos níveis de escolaridades escondem-se situações de precarização do trabalho e do ensino, conforme apontam Lobato e Labrea (op. cit.), em que jovens evadidos da escola na idade em que deveriam frequentá-la vêm a buscar progressão de nível futuramente através de recursos como prestação de exames supletivos?

As respostas a tais perguntas fogem às modestas pretensões desse trabalho, mas foi através de sua elaboração que chegamos a elas e esperamos, assim, estar

contribuindo com os que se propõem a pensar os desafios que se colocam para a juventude em termos de educação e trabalho.

## REFERÊNCIAS

ABDALLA, Vilma. *O que pensam os alunos sobre a escola noturna*. São Paulo: Cortez, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

BORGES, Bruna K. Os jovens no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Porto Alegre. In: *Informe PED-RMPA: Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana de Porto Alegre*, Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), ano 22, número especial, junho de 2013. Disponível em <<http://www.fee.tche.br/sitefee/download/informeped/especial-20-anos/boletim-especial-20-anos-ped-rmpa.pdf>>, acessado em 11/06/2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção: MICELI, Sérgio. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRASIL. Senado Federal ao Projeto de Lei da Câmara nº 103, de 2012 (Projeto de Lei nº 8.035, de 2010, na Casa de origem), do Poder Executivo, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Disponível em <<http://www.senado.gov.br/atividade/materia/getPDF.asp?t=128823&tp=1>>, acessado em 15/06/2013 e 09/12/2013.

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>, acessado em 15/06/2013, 17/09/2013 e 20/11/2013.

CORROCHANO, Maria C. *Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior*. Avaliação: Campinas, Sorocaba, SP, v. 18, n. 1, p. 23-44. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v21n52/a10v2152.pdf>>, acessado em 11/09/2013.

DIEESE, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos. *A ocupação dos jovens nos mercados de trabalho metropolitanos*. Estudos & pesquisas, ano 3, n. 24, setembro de 2006, p. 2-17. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/estudosepesquisas/2006/2006pedjovensocupacao.pdf>>, acessado em 15/09/2013.

ENSINO MÉDIO NOTURNO NO RIO GRANDE DO SUL: democratização e diversidade. Coordenação estadual: PERONI, Vera Maria Vidal; LISBOA, Naira & FARENZENA, Nalú. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

FERNANDES, Florestan. Existe uma crise da democracia no Brasil? In: FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Global, 2008. p. 93-113.

FONSECA, João Cesar de F. *Adolescência e trabalho*. São Paulo: Summus, 2003.

FREZZA, Marcia; MARASCHIN, Cleci & SANTOS, Nair S. dos. Juventude como problema de políticas públicas. *Psicologia e Sociedade*, n. 21, 2009, pp. 313-323. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v21n3/a04v21n3.pdf>>, acessado em 05/05/2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS\\_2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf)>, acessado em 12 de outubro de 2011.

LACHTIM, Sheila A. F. & SOARES, Cássia B. *Valores atribuídos ao trabalho e expectativas de futuro: como os jovens se posicionam?* Trabalho, Educação & Saúde, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 277-193, jul./out. 2011. Disponível em: Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v9n2/07.pdf>>, acessado em 15/09/2013.

LOBATO, Ana L. & LABREA, Valéria V. Juventude e Trabalho: contribuição para o diálogo com as políticas públicas. In: *Mercado de trabalho: conjuntura e análise*. Ministério do Trabalho e Emprego/Ipea: agosto, 2013. p. 33-38. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt55\\_completo.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt55_completo.pdf)>, acessado em 17/09/2013.

PIMENTA, Melissa de M. *Jovens em transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo*. Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP. São Paulo: agosto, 2001.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca\\_escolas.jsp](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/busca_escolas.jsp)>, acessado em 20 de setembro de 2013.

SANTOS, Boaventura de S. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009. V. 1. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*.

SPOSITO, Marília P. *Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura*. Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. Especial, p. 93-104. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea08.pdf>>, acessado em 11/09/2013.

ZIBAS, Dagmar Maria L. *O perfil sociocultural de alguns trabalhadores do ensino noturno de 2º Grau mediante seu cotidiano*. INEP, Série Documental/Relatos de Pesquisa, n. 14, novembro de 1993. p.111-124. Disponível em <[http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B4B895E8C-CA23-4191-B9D1-2186672F76AB%7D\\_relato%20de%20pesquisa%20n%C2%BA%2014.pdf](http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7B4B895E8C-CA23-4191-B9D1-2186672F76AB%7D_relato%20de%20pesquisa%20n%C2%BA%2014.pdf)>, acessado em 30/10/2012.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE I – Questionário aplicado na pesquisa



### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

Esta é uma pesquisa sobre a relação entre educação, trabalho e perspectivas profissionais da juventude. Nosso objetivo, através do presente questionário, é compreender como alunos do ensino médio noturno conciliam suas atividades escolares com jornadas de trabalho e outros compromissos sociais, como os decorrentes da convivência familiar e do lazer. Nesse sentido, gostaríamos de saber como você desempenha suas atividades escolares, relacionando-as com o tempo destinado ao trabalho, à vida familiar e ao lazer. Interessa-nos também saber suas expectativas quanto à continuidade dos seus estudos e a colocação no mercado de trabalho. Não é preciso se identificar. Todas as informações são estritamente confidenciais e em nenhum momento o que você responder será associado a você.

Leia atentamente as questões a seguir e responda de acordo com a sua realidade. Utilize caneta preta ou azul e marque as respostas com um X no quadradinho.

**Para começar, vamos fazer algumas perguntas sobre você.**

#### 1. Qual a sua idade?

- 16 anos.
- 17 anos.
- 18 anos.
- 19 anos.
- 20 anos.
- 21 anos.
- 22 anos ou mais.

#### 2. Sexo:

- Masculino.
- Feminino.

#### 3. Você se considera:

- Branco(a)
- Pardo(a)
- Negro(a)
- Amarelo(a)
- Indígena(a)

**Gostaríamos de saber um pouco da sua experiência de trabalho. Não há respostas certas ou erradas. Marque sempre as alternativas que mais se aproximam da sua realidade.**

**4. Com que idade você teve seu primeiro trabalho remunerado?** *(Atividade pela qual você trabalhou e recebeu algum dinheiro)*

- Antes dos 10 anos.
- Entre os 10 e os 12 anos.
- Entre os 13 e os 15 anos.
- Entre os 16 e os 18 anos.
- Entre os 19 e os 21 anos.
- Aos 22 anos ou depois.
- Nunca tive trabalho remunerado.

**5. Atualmente você está trabalhando, isto é, tem atividade pela qual você recebe dinheiro?**

- Sim
- Não (Vá para a questão 10)

**6. Qual é sua situação atual de trabalho?** *(Pode marcar mais de uma resposta)*

- Trabalho por conta própria.
- Trabalho em negócios da família.
- Empregado(a) sem carteira assinada.
- Empregado(a) com carteira assinada.
- Estagiário(a) remunerado(a).
- Outro. Qual? \_\_\_\_\_

**7. Quantos dias por semana você trabalha?**

- 1 dia
- 2 dias
- 3 dias
- 4 dias
- 5 dias
- 6 dias
- Não tenho uma frequência regular

**8. Quanto tempo do seu dia é ocupado com o trabalho?**

- 4 horas.
- 5 horas.
- 6 horas.
- 7 horas.
- 8 horas.
- Mais de 8 horas.

**9. Qual o principal meio de locomoção que você utiliza para se deslocar para o trabalho?** *(Marque apenas uma resposta)*

- Trabalho em casa (Não responda a próxima questão).
- Vou a pé.
- Bicicleta.
- Moto ou carro particular.
- Ônibus, metrô, trem ou outro meio de transporte público coletivo.
- Outro meio de transporte. Qual? \_\_\_\_\_

**10. Quanto tempo você leva de casa ou da escola para o trabalho?**

- Menos de 15 minutos.
- Entre 15 e 30 minutos.
- Entre 30 minutos e uma hora.

- Mais de uma hora.

**11. Em relação à sua situação de trabalho hoje, o você pode dizer?**

- Estou trabalhando e pretendo continuar no mesmo emprego.
- Estou trabalhando e pretendo mudar de emprego.
- Estou desempregado(a) e não estou procurando emprego.
- Estou desempregado(a) e procurando emprego e/ou estágio remunerado.
- Estou aguardando admissão já confirmada em vaga de emprego.
- Não encontro trabalho compatível com minhas atividades escolares e priorizo o estudo.
- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**12. Que dificuldades você percebe para melhorar sua situação de emprego ou ingressar no mercado de trabalho? (Pode marcar mais de uma resposta)**

- Falta de vagas e oportunidades de trabalho.
- Nível de escolaridade insuficiente para as vagas oferecidas.
- Incompatibilidade de horários entre vagas oferecidas e horário escolar.
- Falta de qualificação profissional.
- Exigência de experiência prévia.
- Falta de contatos pessoais que ajudem na indicação.
- Nunca procurei trabalho.

**A seguir serão feitas algumas perguntas sobre sua experiência como estudante. Não há respostas certas ou erradas. Escolha alternativas que mais se aproximem da sua realidade.**

**13. Que expectativas têm você quanto ao futuro após a conclusão do ensino médio?**

*(Pode marcar mais de uma resposta)*

- Ingressar no ensino de nível superior.
- Obter emprego.
- Trocar de emprego ou de função e ser melhor remunerado.
- Estudar para concurso público.
- Fazer curso técnico pós-médio.

**14. Em quantas escolas você estudou até hoje?**

- Apenas uma escola.
- Duas escolas.
- Três escolas.
- Quatro escolas.
- Cinco ou mais escolas.

**15. Quantas vezes você começou a estudar e parou antes do final do ano letivo?**

- Nenhuma vez. (Vá para a questão 17)
- 1 vez.
- 2 vezes.
- 3 vezes.
- 4 vezes.
- 5 ou mais vezes.



**16. O que levou você a deixar de ir para a escola? (Pode marcar mais de uma resposta)**

- Necessidade de trabalhar em horário incompatível com o turno escolar.
- Dificuldade de estudar em função do cansaço causado pelo trabalho.
- Compromissos familiares.
- Desinteresse pelas aulas.
- Não achava que as aulas iam me ajudar a conseguir emprego/melhorar de emprego.
- Outro motivo. Qual? \_\_\_\_\_

**17. Quantas vezes você foi reprovado(a)?**

- Nenhuma vez.
- 1 vez.
- 2 vezes.
- 3 vezes.
- 4 vezes.
- 5 vezes ou mais.

**18. Há quanto tempo você frequenta a escola no período noturno?**

- Comecei esse ano.
- Faz dois anos.
- Faz três anos.
- Faz quatro anos.
- Faz cinco anos ou mais.

**19. Considere os seguintes motivos pelos quais você frequenta a escola e diga o quanto eles são importantes para você.**

	Muito importante	Importante	Indiferente	Pouco importante	Nada importante
Encontrar amigos e colegas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estudar, progredir no nível de escolaridade e obter melhores oportunidades de trabalho.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adquirir conhecimentos que o capacitem para ingressar no nível universitário.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Obter ou manter contrato de estágio remunerado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro. Qual?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**20. Qual o principal meio de locomoção que você utiliza para chegar à escola?**

- Apenas a pé.
- Bicicleta.
- Moto ou carro particular.
- Ônibus ou outro meio de transporte público coletivo.
- Outro meio de transporte. Qual? \_\_\_\_\_

**21. Quanto tempo você leva do trabalho ou de casa para a escola?**

- Menos de 15 minutos.
- Entre 15 e 30 minutos.
- Entre 30 minutos e uma hora.
- Mais de uma hora.

**22. Qual tempo você leva para voltar para casa da escola?**

- Menos de 15 minutos.
- Entre 15 a 30 minutos.
- Entre 30 minutos a uma hora.
- Mais de uma hora.

**23. Quanto tempo durante a semana você dedica ao estudo (temas de casa e preparação para provas)?**

- Não consigo estudar durante a semana
- Até 1 hora
- De 1 a 2 horas
- De 2 a 3 a horas
- De 3 a 4 horas
- Mais de 4 horas

**24. Quanto tempo durante o fim de semana você dedica ao estudo (temas de casa e preparação para provas)?**

- Não consigo estudar durante os finais de semana
- Até 1 hora
- De 1 a 2 horas
- De 2 a 3 a horas
- De 3 a 4 horas
- Mais de 4 horas

**As perguntas a seguir referem-se a informações sobre sua vida social, para além dos aspectos do trabalho e da escola. Lembre-se: Não há respostas certas ou erradas. Escolha alternativas que mais se aproximem da sua realidade.**

**25. O que você faz quando não está trabalhando, nem na escola? (Pode marcar mais de uma resposta)**

- Convive com a família.
- Convive com os amigos.
- Vai a bailes e shows musicais.
- Passeios e compras em shoppings centers.
- Passeios em praças, parques e outros locais públicos.
- Vai ao cinema.
- Lê livros, jornais, revistas e publicações eletrônicas.
- Estudos e leituras relacionados aos conteúdos de aulas e realização de trabalhos escolares.

- Acessa redes sociais via Internet.
- Pratica esportes. Qual ou quais? \_\_\_\_\_
- Ouve música no rádio ou outro equipamento eletrônico.
- Vê filmes, disputas esportivas e programas de TV em canal aberto.
- Vê filmes, disputas esportivas e programas de TV a cabo.
- Vê filmes e vídeos pela Internet.
- Outra atividade. Qual? \_\_\_\_\_

**26. Com quem você mora?**

- Com pai (ou padrasto) e mãe (ou madrasta) e irmãos.
- Com mãe e irmãos.
- Com pai e irmãos.
- Com cônjuge.
- Com cônjuge e filhos.
- Com amigos com quem divide aluguel e demais despesas.
- Outra situação. Especifique: \_\_\_\_\_

**27. Qual o valor aproximado da renda mensal da sua família, em reais? (Considere inclusive benefícios como o Bolsa Família)**

- Menos de R\$ 678.
- R\$ 679 a R\$ 1356.
- R\$ 1357 a R\$ 2035.
- R\$ 2036 a R\$ 3395.
- R\$ 3396 ou mais
- Não sei.

**28. Qual a sua participação na vida econômica da família?**

- Não trabalha e seus gastos são financiados pela família ou outras pessoas.
- Não trabalha, mas tem meio de custear seus gastos pessoais e estudo.
- Trabalha, mas recebe complemento da família ou de outras pessoas.
- Trabalha e é responsável pelo seu próprio sustento.
- Trabalha, é responsável pelo seu próprio sustento e contribui para o sustento da família.
- Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família.

**29. Quantas pessoas contribuem para a obtenção da renda familiar na sua casa?**

- Só você.
- Só uma pessoa que não seja você.
- Uma outra pessoa e você.
- Duas pessoas, não sendo você uma delas.
- Três pessoas, sendo você uma delas.
- Quatro pessoas, não sendo você uma delas.
- Quatro ou mais pessoas.

**30. Qual é o grau de instrução mais alto que seus pais, e o seu cônjuge (se houver) obtiveram? Por favor, para cada resposta, marque com um x no local indicado.**

	<b>Pai</b>	<b>Mãe</b>	<b>Cônjuge</b>
Analfabeto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lê e escreve, mas não esteve na escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fundamental incompleto (parou antes da 4 <sup>a</sup> série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fundamental incompleto (parou antes da 8 <sup>a</sup> série)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Fundamental completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Superior incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Superior completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação incompleta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação completa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## APÊNDICE II – Resumo das respostas ao questionário

### 1. Qual a sua idade?

16 anos.	4	13%
17 anos.	8	25%
18 anos.	13	41%
19 anos.	4	13%
20 anos.	1	3%
21 anos.	2	6%
22 anos ou mais.	0	0%

### 2. Qual a sua série?

Primeira	12	38%
Terceira	20	63%

### 3. Sexo:

Masculino	20	63%
Feminino	12	38%

### 4. Você se considera:

Branco(a)	26	81%
Pardo(a)	4	13%
Negro(a)	1	3%
Amarelo(a)	0	0%
Indígena(a)	1	3%

### Trabalho

### 5. Com que idade você teve seu primeiro trabalho remunerado? (Atividade pela qual você trabalhou e recebeu algum dinheiro).

Antes dos 10 anos.	1	3%
Entre os 10 e os 12 anos.	3	9%
Entre os 13 e os 15 anos.	9	28%
Entre os 16 e os 18 anos.	16	50%
Entre os 19 e os 21 anos.	2	6%
Aos 22 anos ou depois.	0	0%
Nunca tive trabalho remunerado.	1	3%

### 6. Atualmente você está trabalhando, isto é, tem atividade pela qual você recebe dinheiro?

Sim	23	72%
Não	9	28%

## Trabalho

### 7. Qual é sua situação atual de trabalho?

Trabalho por conta própria.	0	0%
Trabalho em negócios da família.	4	17%
Empregado(a) sem carteira assinada.	1	4%
Empregado(a) com carteira assinada.	9	39%
Estagiário(a) remunerado(a).	9	39%
Outros	0	0%

### 8. Quantos dias por semana você trabalha?

1 dia	0	0%
2 dias	0	0%
3 dias	0	0%
4 dias	0	0%
5 dias	17	74%
6 dias	5	22%
Não tenho uma frequência regular	1	4%

### 9. Quanto tempo do seu dia é ocupado com o trabalho?

4 horas	2	9%
5 horas	2	9%
6 horas	9	39%
7 horas	1	4%
8 horas	4	17%
Mais de 8 horas	5	22%

### 10. Qual o principal meio de locomoção que você utiliza para se deslocar para o trabalho?

Trabalho em casa	2	9%
Vou a pé.	4	17%
Bicicleta.	0	0%
Moto ou carro particular.	1	4%
Ônibus, metrô, trem ou outro meio de transporte público coletivo.	16	70%
Outros	0	0%

## **Deslocamento para o trabalho**

### **11. Quanto tempo você leva de casa ou, caso trabalhe à noite, da escola para o trabalho?**

Menos de 15 minutos.	2	10%
Entre 15 e 30 minutos.	8	38%
Entre 30 minutos e uma hora.	10	48%
Mais de uma hora.	1	5%

## **Situação perante o trabalho e expectativas para o futuro**

### **12. Em relação à sua situação de trabalho hoje, o você pode dizer?**

Estou trabalhando e pretendo continuar no mesmo emprego.	10	31%
Estou trabalhando e pretendo mudar de emprego.	12	38%
Estou desempregado(a) e não estou procurando emprego.	1	3%
Estou desempregado(a) e procurando emprego e/ou estágio remunerado.	4	13%
Estou aguardando admissão já confirmada em vaga de emprego.	3	9%
Não encontro trabalho compatível com minhas atividades escolares e priorizo o estudo.	2	6%
Outros	0	0%

### **13. Que dificuldades você percebe para melhorar sua situação de emprego ou ingressar no mercado de trabalho?**

Falta de vagas e oportunidades de trabalho.	7	15%
Nível de escolaridade insuficiente para as vagas oferecidas.	14	30%
Incompatibilidade de horários entre vagas oferecidas e horário escolar.	5	11%
Falta de qualificação profissional.	10	21%
Exigência de experiência prévia.	7	15%
Falta de contatos pessoais que ajudem na indicação.	3	6%
Nunca procurei trabalho.	1	2%
Outros	0	0%

## Relação com a escola

### 14. Que expectativas têm você quanto ao futuro após a conclusão do ensino médio?

Ingressar no ensino de nível superior.	24	44%
Obter emprego.	5	9%
Trocar de emprego ou de função e ser melhor remunerado.	9	17%
Estudar para concurso público.	13	24%
Fazer curso técnico pós-médio.	3	6%
Não tenho expectativas	0	0%
Outros	0	0%

### 15. Em quantas escolas você estudou até hoje?

Apenas uma escola.	4	13%
Duas escolas.	9	28%
Três escolas.	11	34%
Quatro escolas.	3	9%
Cinco ou mais escolas.	5	16%

### 16. Quantas vezes você começou a estudar e parou antes do final do ano letivo?

Nenhuma vez.	24	75%
1 vez.	5	16%
2 vezes.	3	9%
3 vezes.	0	0%
4 vezes.	0	0%
5 ou mais vezes.	0	0%

## Abandono da escola

### 17. O que levou você a deixar de ir para a escola?

Necessidade de trabalhar em horário incompatível com o turno escolar.	1	9%
Dificuldade de estudar em função do cansaço causado pelo trabalho.	3	27%
Compromissos familiares.	2	18%
Desinteresse pelas aulas.	3	27%
Não achava que as aulas iam me ajudar a conseguir emprego/melhorar de emprego.	2	18%
Outros	0	0%



## Escola

### 18. Quantas vezes você foi reprovado(a)?

Nenhuma vez.	9	28%
1 vez.	12	38%
2 vezes.	10	31%
3 vezes.	1	3%
4 vezes.	0	0%
5 vezes ou mais.	0	0%

### 19. Há quanto tempo você frequenta a escola no período noturno?

Comecei esse ano.	19	59%
Faz dois anos.	5	16%
Faz três anos.	6	19%
Faz quatro anos.	2	6%
Faz cinco anos ou mais.	0	0%

### 20. Considere os seguintes motivos pelos quais você frequenta a escola e diga o quanto eles são importantes para você.

#### Encontrar amigos e colegas.

Muito importante	1	3%
Importante	14	44%
Indiferente	9	28%
Pouco importante	7	22%
Nada importante	1	3%

#### Estudar, progredir no nível de escolaridade e obter melhores oportunidades de trabalho.

Muito importante	26	81%
Importante	5	16%
Indiferente	1	3%
Pouco importante	0	0%
Nada importante	0	0%

**Adquirir conhecimentos que o capacitem para ingressar no nível universitário.**

Muito importante	18	56%
Importante	12	38%
Indiferente	1	3%
Pouco importante	1	3%
Nada importante	0	0%

**Obter ou manter contrato de estágio remunerado.**

Muito importante	3	9%
Importante	8	25%
Indiferente	12	38%
Pouco importante	4	13%
Nada importante	5	16%

**21. Qual o principal meio de locomoção que você utiliza para chegar à escola?**

Apenas a pé.	7	22%
Bicicleta.	0	0%
Moto ou carro particular.	4	13%
Ônibus ou outro meio de transporte público coletivo.	21	66%
Outros	0	0%

**22. Quanto tempo você leva do trabalho ou de casa para a escola?**

Menos de 15 minutos.	8	25%
Entre 15 a 30 minutos.	12	38%
Entre 30 minutos a uma hora.	11	34%
Mais de uma hora.	1	3%

**23. Quanto tempo você leva para voltar para casa da escola?**

Menos de 15 minuto.	9	28%
Entre 15 a 30 minutos.	12	38%
Entre 30 minutos a uma hora.	10	31%
Mais de uma hora.	1	3%

**24. Quanto tempo durante a semana você dedica ao estudo (temas de casa e preparação para provas)?**

Não consigo estudar durante a semana.	16	50%
Até 1 hora.	10	31%
De 1 a 2 horas.	6	19%
De 2 a 3 horas.	0	0%
De 3 a 4 horas.	0	0%
Mais de 4 horas.	0	0%

**25. Quanto tempo durante o fim de semana você dedica ao estudo (temas de casa e preparação para provas?)**

Não consigo estudar durante os finais de semana	11	34%
Até 1 hora.	7	22%
De 1 a 2 horas	11	34%
De 2 a 3 horas	2	6%
De 3 a 4 horas	1	3%
Mais de 4 horas	0	0%

**Vida social**

**26. O que você faz quando não está trabalhando, nem na escola?**

Convive com a família.	28	13%
Convive com os amigos.	27	12%
Vai a bailes e shows musicais.	15	7%
Passeios e compras em shoppings centers.	10	5%
Passeios em praças, parques e outros locais públicos.	15	7%
Vai ao cinema.	9	4%
Lê livros, jornais, revistas e publicações eletrônicas.	11	5%
Estudos e leituras relacionados aos conteúdos de aulas e realização de trabalhos escolares.	6	3%
Acessa redes sociais via Internet.	26	12%
Pratica esportes. Qual ou quais?	14	6%
Ouve música no rádio ou outro equipamento eletrônico.	16	7%
Vê filmes, disputas esportivas e programas de TV em canal aberto.	10	5%
Vê filmes, disputas esportivas e programas de TV a cabo.	16	7%
Vê filmes e vídeos pela Internet.	12	6%
Outros	2	1%

**Dados sobre a família**

**27. Com quem você mora?**

Com pai (ou padrasto) e mãe (ou madrasta) e irmãos.	19	59%
Com mãe e irmãos.	6	19%
Com pai e irmãos.	0	0%
Com cônjuge.	0	0%
Com cônjuge e filhos.	0	0%
Com amigos com quem divide aluguel e demais despesas.	1	3%
Outros	6	19%

**28. Qual o valor aproximado da renda mensal da sua família, em reais?**

Menos de R\$ 678.	1	3%
R\$ 679 a R\$ 1356.	6	19%
R\$ 1357 a R\$ 2035.	10	31%
R\$ 2036 a R\$ 3395.	9	28%
R\$ 3396 ou mais	3	9%
Não sei.	3	9%

**29. Qual a sua participação na vida econômica da família?**

Não trabalha e seus gastos são financiados pela família ou outras pessoas.	4	13%
Não trabalha, mas tem meio de custear seus gastos pessoais e estudo.	5	16%
Trabalha, mas recebe complemento da família ou de outras pessoas.	9	28%
Trabalha e é responsável pelo seu próprio sustento.	4	13%
Trabalha, é responsável pelo seu próprio sustento e contribui para o sustento da família.	9	28%
Trabalha e é o principal responsável pelo sustento da família.	1	3%

**30. Quantas pessoas contribuem para a obtenção da renda familiar na sua casa?**

Só você.	0	0%
Só uma pessoa que não seja você.	2	6%
Uma outra pessoa e você.	6	19%
Duas pessoas, não sendo você uma delas.	15	47%
Três pessoas, sendo você uma delas.	5	16%
Quatro pessoas, não sendo você uma delas.	1	3%
Quatro ou mais pessoas.	3	9%

**31. Qual é o grau de instrução mais alto que seu pai obteve?**

Analfabeto	0	0%
Lê e escreve, mas não foi à escola	0	0%
Fundamental incompleto (até a 4ª série)	1	3%
Fundamental incompleto (até a 8ª série)	8	25%
Fundamental completo	5	16%
Ensino médio incompleto	6	19%
Ensino médio completo	6	19%
Superior completo	0	0%
Superior incompleto	2	6%
Pós-graduação incompleta	1	3%
Pós-graduação completa	1	3%
Não sei	2	6%

**32. Qual é o grau de instrução mais alto que sua mãe obteve?**

Analfabeto	1 3%
Lê e escreve, mas não foi à escola	0 0%
Fundamental incompleto (até a 4ª série)	2 6%
Fundamental incompleto (até a 8ª série)	3 9%
Fundamental completo	2 6%
Ensino médio incompleto	7 22%
Ensino médio completo	9 28%
Superior completo	0 0%
Superior incompleto	6 19%
Pós-graduação incompleta	0 0%
Pós-graduação completa	1 3%
Não sei	1 3%

**33. Qual é o grau de instrução mais alto que seu cônjuge (marido/esposa/companheiro(a)) obteve?**

Analfabeto	0 0%
Lê e escreve, mas não foi à escola	0 0%
Fundamental incompleto (até a 4ª série)	0 0%
Fundamental incompleto (até a 8ª série)	0 0%
Fundamental completo	0 0%
Ensino médio incompleto	1 33%
Ensino médio completo	1 33%
Superior completo	0 0%
Superior incompleto	1 33%
Pós-graduação incompleta	0 0%
Pós-graduação completa	0 0%
Não sei	0 0%